

A Filosofia de Hegel

Ronie Silveira

Georg Wilhelm Friedrich Hegel nasceu em Stuttgart na Alemanha em 27 de agosto de 1770 e faleceu em Berlin em 1830. Em 1788 entrou para um seminário de teologia protestante em Tübingen. Nesse seminário travou amizade com Schelling e Hölderlin. Em 1793 Hegel renunciou à profissão de pastor e até 1796 trabalhou como preceptor em Berna, na Suíça. Depois disso, mudou-se para Frankfurt onde permaneceu até 1800 - ainda como preceptor. Em 1801 ingressou como livre-docente da Universidade de Jena e em 1816 foi nomeado professor na Universidade de Heilberg. Em 1818 transferiu-se para a Universidade de Berlin da qual se tornou reitor em 1829.

O objetivo que impulsionou originalmente a Filosofia de Hegel foi a reconstrução de um ideal cristalizado na imagem da Grécia Antiga. Esse ideal personificava a busca da liberdade. Não a liberdade subjetiva e privada como nós a entendemos hoje. O que esse ideal personificava era uma noção de liberdade completa sem a presença da alteridade e da diferença. Uma liberdade, portanto, que pelas suas próprias características implicava uma consumação ligada ao infinito: sua realização deveria eliminar toda espécie de separação entre as dimensões da vida. Assim, em contraposição a um presente caracterizado pela cisão entre governados e governantes, entre Deus e os homens e entre Política e Religião, a Grécia Antiga representava, para Hegel e muitos de sua geração, um ideal de harmonia e de identidade entre esses vários aspectos. Liberdade, então significava uma vida plena ou o reestabelecimento da juventude perdida da civilização ocidental.

Entretanto, o amadurecimento do pensamento de Hegel conduziu-o a uma posição diferente e antagônica com relação à restauração do mundo grego. A noção de retorno cedeu terreno ao reconhecimento da riqueza e da peculiaridade do presente histórico. Também tornou-se evidente a precariedade da liberdade antiga. Mesmo abandonando a busca pela restauração da Grécia Antiga, o objetivo da liberdade ou da vida plena permaneceu orientando a Filosofia de Hegel em sua formulação definitiva.

Se queremos eliminar toda a exclusão, devemos iniciar por aquela que está presente no modo como o conhecimento ocorre. Assim, o que sei é algo que sei de outra coisa, de algo real. Então, o que sei não é a própria realidade mas um saber relativo a ela. Todo saber está, portanto, fora do ser. Quando conhecemos produzimos uma alienação, uma diferença entre o saber e o ser. Se entendermos o conhecimento dessa maneira, fazemos proliferar essa diferença e essa alienação. A necessidade de eliminação dessa alienação levou Hegel a formular uma noção muito peculiar de conhecimento.

O motivo que leva o conhecimento a se constituir como um saber fora do ser é a consciência. É porque a consciência não é o objeto do conhecimento que sua apreensão do ser produz outra coisa que não o próprio ser. Mesmo quando a consciência reflete sobre si mesma, ela se toma como se fosse outra e, portanto, seu saber sobre si mesma ainda é um saber diferente do que ela é. Mas Hegel não propôs que eliminemos a consciência para evitar a alienação. Isso significaria afirmar que o verdadeiro conhecimento deve ser operado por outras modalidades que não aquelas próprias da consciência – como o sentimento ou a emoção, por exemplo. Hegel não caiu nessa armadilha da irracionalidade. Ele afirmará que a consciência deve ser conduzida a um estágio no qual não haja mais a alienação – mas isso deve ser produto do esforço da consciência e não sua negação.

Esse processo pelo qual a consciência parte de um hipotético estado bruto e chega a identificar o saber com o ser é descrito por Hegel na Fenomenologia do Espírito. O saber absoluto é um saber de si, isto é, ele é um conhecimento que não produz um saber exterior àquilo que é conhecido. Para que isso possa ocorrer, o conhecimento não pode ser diferente da realidade ou o

contrário: o modo como as coisas são é o mesmo modo pelo qual elas são conhecidas. Mas isso obviamente é muito diferente do conhecimento empírico com o qual estamos habituados a lidar no nosso cotidiano.

Se o conhecimento passa pela consciência e pela sua particularidade, ele não é instantâneo e sim um processo. Portanto, a verdade, para Hegel, deve ser entendida como um sujeito e não como uma substância imóvel. Uma maneira de compreender a especificidade da Filosofia de Hegel é justamente através de sua afirmação de que a verdade é um sujeito e não uma substância.

Sabemos que a forma definitiva da verdade é aquela em que o ser e o saber se identificam plenamente. Ora, nenhuma Filosofia pode produzir o ser ou o real mas somente o saber, isto é, uma certa apreensão do ser. A Filosofia Hegeliana consistirá, dessa maneira, na apreensão adequada ou verdadeira da realidade. O que ela estará lutando por construir será sempre uma forma adequada para o saber (absoluto) pois a realidade já está dada. Obviamente nenhuma realidade é dada para a consciência sem que se constitua como uma certa forma particular de saber. Porém, essa modalidade através da qual o saber do real surge diante da consciência ainda não é sua modalidade verdadeira. A consciência deverá tomar tais formas de apresentação do real como matéria prima para retirar a verdade delas. Em outras palavras, para Hegel o real é dado à consciência filosófica porém sob uma forma inadequada, sob uma forma não verdadeira e cabe a ela promover a harmonia entre o conteúdo e a forma.

A Filosofia de Hegel não pode ser confundida como uma espécie de empirismo espiritual que reúne qualquer conteúdo na forma em que ele aparece para a consciência. Pelo contrário, ela produz uma torção em tais conteúdos de tal forma que eles adquirem novos significados. Ela constitui novos sentidos para velhas realidades. E esses novos sentidos estão sempre ligados à significação que essa realidade particular adquire quando incorporada ao processo que busca adequar a verdadeira forma ao verdadeiro conteúdo. Metaforicamente, a Filosofia hegeliana é uma bactéria poderosa que fagocita sem destruir outros organismos. Esses passam a constituí-la como se fossem seus órgãos internos. Ela, então, é um ser cujos órgãos são outros seres. Mas de tal maneira que aqueles organismos isolados deixam de ser (falsamente) o que eram para serem (verdadeiramente) órgãos dessa bactéria superior.

A Filosofia hegeliana não cria, de uma certa maneira, nada de concreto. Ela simplesmente concede a um conteúdo a sua forma verdadeira. Esse é o sentido de limitar a atividade da Filosofia ao limiar dos eventos presentes. Definição esta que ficou famosa através da afirmação de Hegel de que "a coruja de minerva só levanta vôo ao crepúsculo". Isso também torna necessário que a Filosofia se ocupe da compreensão do passado e do presente pois é nele que a verdade se encontra na sua forma ainda inadequada e à espera do trabalho filosófico. É preciso que se faça, então, uma leitura muito cuidadosa das obras de Hegel que não foram preparadas por ele para a publicação. Há nelas muitas afirmações ligadas a expectativas com relação ao futuro – principalmente aquelas ligadas a questões históricas e políticas. Tais afirmações não podem ser entendidas como dotadas do mesmo estatuto científico próprio da ciência filosófica hegeliana. Elas são somente opiniões do Professor Hegel.

A missão da Filosofia hegeliana é, então, o de dotar a realidade de uma forma adequada ao saber absoluto, isto é, elevar o presente à consciência verdadeira de si mesmo. O que falta ao modo como a realidade se apresenta é, vale a pena insistir, a forma não científica em que ela se apresenta. Em um certo sentido, o projeto filosófico hegeliano é um projeto essencialmente epistemológico e não ontológico.

É muito comum ouvir dizer que a forma que o real deve assumir para a Filosofia hegeliana seja a "forma dialética", isto é, o esquema tese/antítese/síntese. Mas isso é um engano. Esse suposto esquema dialético não vale para a Filosofia de Hegel e nunca poderia ter sido nem cogitado por ele.

O motivo é simples. A forma científica da realidade, sua forma verdadeira, não é introduzida em um conteúdo por força da vontade de uma consciência. Isso porque não há, no saber absoluto, uma consciência distinta daquilo que é conhecido. Essa situação em que o saber é produzido por uma consciência diante de um objeto é uma situação distinta daquela requerida pelo saber absoluto. Nesse, a forma adequada ao conteúdo é a identidade de todas as modalidades sob as quais esse conteúdo se apresentou. No desenlace da identidade entre o conteúdo e a forma do saber ocorre a unidade de todas as modalidades de aparecimento do real. Isso significa que toda a história dessas modalidades é verdadeira – e não que a verdade seja histórica.

Para cada modalidade particular há uma forma e um conteúdo. Do ponto de vista da ciência filosófica de Hegel, essa forma particular deverá se mostrar inadequada com relação a esse conteúdo particular. Não há um critério único ou uma forma genérica a partir da qual se avalie todos os conteúdos em questão. A inadequação entre a forma e o conteúdo explicitados em cada caso é que são o motor da dialética hegeliana. Como leitores já sabemos onde isso deverá terminar (na identidade harmoniosa entre a forma e o conteúdo) mas na prática essa identidade tem de ser produzida passo a passo por meio da definição de cada inadequação particular entre forma e conteúdo. Em outras palavras, não há nenhum sentido válido na expressão "metodologia dialética" - atribuída a Hegel. Também é um equívoco enorme listá-la como um método nos manuais sobre o assunto.

Tendo como base tais princípios, a obra de Hegel distingue-se em três grandes conjuntos: o Espírito Subjetivo, o Espírito Objetivo e o Espírito Absoluto. Na primeira parte, Hegel se detém na relação interna do Espírito consigo mesmo. A Ciência da Lógica descreve esse momento da vida do Espírito. A lógica, nesses termos, não é um conjunto de regras do raciocínio correto e sim um conjunto de apresentações subjetivas do Espírito ou a maneira como ele se mostra para si mesmo sem que se estabeleça uma alteridade real. Na segunda parte, o Espírito torna-se objetivo, isto é, estabelece-se uma diferença entre a consciência e o mundo. Essa é a parte em que Hegel trata das questões ligadas às ciências empíricas, à Moral, à História, à Política e ao Direito. Na terceira parte, ele descreve o processo pelo qual o Espírito chega à plena consciência de si através da alteridade, isto é, como se realiza a liberdade e a vida plena. Aqui, Hegel tratará da Religião e da Filosofia.

Essa estrutura encontra-se expressa na Enciclopédia das Ciências Filosóficas. Porém, Hegel desenvolveu mais longamente muitos dos temas ali contidos em obras particulares. Por exemplo: Princípios da Filosofia do Direito, Lições sobre Filosofia da História Universal, Lições sobre a História da Filosofia, Lições sobre Filosofia da Religião.

Mas, enfim, a Filosofia de Hegel ainda é pertinente? Isto é, alguém pode, hoje e com propriedade, dizer-se hegeliano? Em um sentido rigoroso, creio que a resposta deve ser negativa. Por uma razão muito simples. Vamos supor que Hegel tenha razão. Se a Filosofia é a apreensão científica do conteúdo de uma época, sua Filosofia vale para a sua época e não para a nossa. Então é um contrasenso dizer-se hegeliano. Nesse sentido, quem se diz hegeliano não parece haver captado a essência de sua filosofia e, assim, há mais de Hegel naqueles que não são hegelianos.

Mas em um sentido menos rigoroso, penso que alguns princípios gerais da Filosofia de Hegel ainda podem ser válidos. 1) A necessidade de que a Filosofia preste atenção ao presente histórico é, com certeza, uma asserção importante para várias correntes filosóficas contemporâneas – incluindo aqui o Pragmatismo. A Filosofia deve se fazer a partir dos problemas colocados no presente porque esses são os problemas para os quais ainda não há solução. 2) Penso também que sua crítica à utilização de uma forma geral para o conhecimento – um método, como nós dizemos hoje – deveria ser objeto de uma maior atenção. Uma análise rápida de dissertações e teses de cursos de pós-graduação do país nos mostraria a inoperância e a falta de resultados práticos da epidemia metodologizante que nos aflige. Mais atenção e menos método poderia ser uma indicação hegeliana para essa patologia. 3) A Filosofia hegeliana

contém ainda um princípio importante que é o de operar uma contraposição entre a forma e o conteúdo que me parece extremamente valioso como um princípio de crítica geral. Qualquer um de nós pode criticar qualquer coisa apenas porque não assume tal ou tal postulado. Mas assim criticamos algo apenas porque a desconhecemos. Isso não é uma crítica, é um estranhamento seguido de uma opinião. Mas uma crítica pertinente deve considerar aquilo que se pretende e aquilo que se alcança, isto é, os critérios para efetuar a crítica devem dizer respeito àquilo que se alcançou dentro dos parâmetros daquilo que se pretendeu. 4) Também penso que a Filosofia de Hegel contém um princípio de conduta filosófica importante ligada àquela característica de conceder novos significados para conteúdos já conhecidos. O que é a Filosofia senão isso: ver o conhecido sob uma nova perspectiva? 5) Por último, a Filosofia de Hegel contém um componente de valorização do trabalho intelectual – o duro trabalho do Espírito para chegar a si mesmo e dotar-se da forma verdadeira. Isso se apresenta como um antídoto contra as pretensões de profundidade não manifesta de vários tipos de obscurantismos filosóficos ou não.

Bibliografia Recomendada

1. Para os iniciantes em Hegel, recomendo a Introdução às suas Lições sobre História da Filosofia na qual ele se permite algumas metáforas que facilitam a compreensão de alguns aspectos essenciais de sua filosofia.
2. Para um panorama mais geral de seu sistema filosófico, sugiro sua Enciclopédia das Ciências Filosóficas.
3. Para uma análise das motivações e das ideias que nortearam a elaboração da Filosofia de Hegel sugiro o seguinte livro de Bernard Bourgeois: Hegel à Francfort ou Judaïsme-Christianisme-Hegelianisme. Paris: J. Vrin, 1970.
4. Para uma compreensão da diferença entre o modo como os eventos históricos aparecem para a consciência empírica e seu significado filosófico, recomendo um artigo de P.-J. Labarriére: La sursumption du temps et le vrai sens de l'histoire conçue. Revue de Métaphysique et de Morale. N.1, jan-mar., p. 92-100, 1979.

Para entender a pretensão geral da Filosofia hegeliana e o princípio da alienação que ela visava combater, sugiro, meu pequeno livro Judaísmo e Ciência Filosófica em G.W.F. Hegel. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2001.

© Ronie Alexsandro Teles da Silveira, professor de filosofia da Universidade de Santa Cruz, Rio Grande do Sul